



## QUANDO A AUSÊNCIA DE MARCA É MATRIZ: O CASO DO MUSEU DAS REMOÇÕES

Gabrielle Alves Reis <sup>1</sup>

### RESUMO

A paisagem é um dos conceitos mais utilizados na Geografia, enquanto um conceito polissêmico, com diversos significados. Neste trabalho, utilizaremos o conceito de paisagem-marca e paisagem-matriz, de Augustin Berque, e aplicaremos o debate em um contexto empírico, no Museu das Remoções, no Rio de Janeiro. O Museu das Remoções é um museu de território, que surge em um contexto de transformações da cidade, para o recebimento dos Jogos Olímpicos Rio 2016. A Barra da Tijuca, área entendida como o coração dos Jogos, passa por intensas mudanças, entre elas, a remoção da Vila Autódromo, para construção do Parque Olímpico e de vias de acesso, como o BRT. Enquanto uma estratégia de resistência, o Museu das Remoções é criado na área que corresponde à Vila Autódromo, a fim de não permitir o esquecimento da luta dos moradores e para impedir que tamanha brutalidade ocorresse em outras áreas. O museu, que faz uso de percursos, se utiliza atualmente das ruínas do que sobrou da Vila Autódromo para contar sua história. Assim, o que se mostra neste trabalho é como a ausência da forma, o não haver casas, a presença de ruínas se mostra enquanto a marca para a criação do discurso de luta contra as remoções, em uma constrição de baixo para cima, a partir dos próprios moradores.

**Palavras-chave:** Museu de Território, Paisagem, Memória, Augustin Berque.

### ABSTRACT

Landscape is one of the most used concepts in Geography, as a polysemic concept, with different meanings. In this work, we will use the concept of landscape-mark and landscape-matrix, by Augustin Berque, and apply the debate in an empirical context, at the Museu das Remoções (Museum of Removals), in Rio de Janeiro. Museu das Remoções is a territory museum, which arises in a context of city transformations, to host the Rio 2016 Olympic Games. Barra da Tijuca, an area understood as the heart of the Games, is undergoing intense changes, among them, the removal of Vila Autódromo, for the construction of the Olympic Park and access roads, such as the BRT. As a strategy of resistance, Museu das Remoções was created in the area corresponding to Vila Autódromo, in order not to allow the residents' struggle to be forgotten and to prevent such brutality from occurring in other areas. The museum, which makes use of routes, currently uses the ruins of what is left of Vila Autódromo to tell its story. Thus, what is shown in this work is how the absence of form, the absence of houses, the presence of ruins is shown as the mark for the creation of the discourse of struggle against removals, in a constriction from the bottom up, from of the residents themselves.

**Palabras clave:** Territory Museum, Landscape, Memory, Augustin Berque.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ, [gabrielleareis29@gmail.com](mailto:gabrielleareis29@gmail.com). Órgão de fomento: CAPES.



Recentemente, alguns autores apontam a crescente demanda paisagística enquanto objeto de políticas públicas (RIBEIRO, 2013; 2018). Um reconhecimento importante por parte de algumas dessas ações está no fato de que, mais do que “apenas” estética e beleza, a paisagem compõe uma parte importante da qualidade de vida da população (NETO, 2010 *apud* GONÇALVES, 2015). A partir disso, cresce a ideia de que a garantia da qualidade de vida está relacionada à garantia de direitos e do direito à paisagem.

Concomitantemente, os grandes projetos de intervenção urbana são uma estratégia para crescimento econômico e de competitividade frente ao turismo e na busca por novos investimentos, para articular o tecido da cidade.

Esses projetos legitimam planos de “revitalização urbana”, a longo prazo, ou seja, a mudança na perspectiva da cidade. Bem como nas cidades olímpicas anteriores, a transformação urbana no Rio de Janeiro para atrair investimentos alterou os fluxos e uso do espaço na cidade, dentre os quais, a remoção de moradores de várias comunidades pode ser apontada como uma das principais consequências. Nesse sentido, a remoção se torna uma marca na mudança da cidade, tanto sob uma perspectiva física como também associada ao simbolismo.

Esta associação entre as interpretações e possibilidades e a sua perspectiva física perpassa o que denominamos de paisagem. Ela não é vista da mesma forma em todas as épocas e todas as culturas, mas passa por variações.

De acordo com Berque (1998), a paisagem não é apenas o que vemos concretamente, mas pode ser imaginada, representada. A paisagem é a realidade e aquilo que se manifesta através da interpretação de nossos sentidos. Desta forma, a paisagem é pautada nas relações entre homem e meio e na historicidade, como resultado de dada cultura e dada época. Desta forma, o objetivo deste trabalho é refletir de que maneira a paisagem é vista como um recurso paisagístico, mesmo sem a aparente ausência de materialidade, utilizando a memória para tal. Traremos este debate a partir do Museu das Remoções, no Rio de Janeiro, um museu a céu aberto, considerado um museu de território, criado enquanto uma estratégia de resistência frente à remoção ocorrida no local, em decorrência das transformações para a construção do Parque Olímpico e de obras do BRT, visando os Jogos Olímpicos de Verão Rio 2016.

Para tal, utilizaremos de uma revisão bibliográfica, lendo Berque como o principal autor para nossa discussão. A proposta, portanto, é repensar a ideia de Berque da paisagem como marca e matriz transpassada ao Museu das Remoções, que traz na sua narrativa o processo de remoção e, portanto, sua representação é feita, mais recentemente, através das ruínas remanescentes das casas retiradas de maneira bruta pela Prefeitura da cidade.



Frente aos grandes projetos urbanos, o Museu das Remoções surge como uma estratégia de luta pelo direito à moradia e direito à cidade. Com a remoção da Vila Autódromo, favela que ocupava a área e carregava em seu nome sua relação com o antigo autódromo de Jacarepaguá, localizado ao lado da Vila, que contava com cerca de 400 famílias, das quais, hoje restam cerca de trinta, o Museu das Remoções busca atuar frente às remoções, conservando o simbolismo, a memória e as práticas de comunidades removidas. Além disso, o museu também é um instrumento de resistência não só da Vila Autódromo, mas de todos os locais que passam pelo processo de remoção, dando visibilidade à causa. Com isso, o museu retrata as remoções da Vila Autódromo, a fim de evitar o apagamento de memória da área, mas também é uma estratégia para impedir novas ações da mesma forma em outros lugares (MUSEU DAS REMOÇÕES, 2017). Assim, uma prerrogativa importante para este museu é a dinâmica das remoções de forma histórica no Rio de Janeiro, cotidianamente esquecidos por uma memória que é seletiva. A destruição é ressignificada enquanto uma estratégia dos moradores de se fazer presente.

A construção do Museu das Remoções se constitui de maneira participativa, onde a própria rua torna-se o museu, que trata sobre a história das remoções, do ponto de vista dos moradores atingidos. Com isso, Bogado (2017) destaca que se inverte o processo comum dos museus, onde as narrativas são contadas a partir das perspectivas dos dominantes.

Para tanto, eles utilizam da paisagem enquanto um recurso para reafirmar sua narrativa. Para Mário Chagas<sup>2</sup>,

“Nessa paisagem de terra arrasada, nessa paisagem cultural que foi destruída se constrói novas possibilidades. Então, aqui se apresenta como o poder público destrói paisagens, interfere na paisagem, mas interfere de modo destrutivo. Constrói novas paisagens de seu interesse, mas não respeita as paisagens construídas aqui pelos seus moradores antigos”

Soares (2016) destaca a paisagem enquanto uma importante análise para as favelas, ao tratar do Complexo do Alemão. Nesse sentido, a paisagem, para o autor, é uma categoria crescente para a gestão urbana e prática da cidadania. Se, por muitos anos, a paisagem foi posta de lado na leitura dos geógrafos, Ribeiro (2007) retrata que é através dela que a dimensão cultural é incorporada.

Neste debate cultural, encontramos com Augustin Berque (1998), que traz a discussão acerca da paisagem marca e paisagem matriz. A paisagem, para o autor, só existe a partir da relação com o sujeito coletivo. Na construção de um museu, a memória também se dá de maneira coletiva (HALBWACHS, 1990), à medida que tal construção é caracterizada por

---

<sup>2</sup> JORNAL O CIDADÃO. Museu das Remoções é inaugurado na Vila Autódromo. 2016. Disponível em: <https://jornalocidadao.net/museu-das-remoco-es-e-inaugurado-na-vila-autodromo/>. Acesso em 17 out. 2021.



aspectos do passado que determinada comunidade seleciona como comum, trazendo características que ela própria entende como representativo de sua identidade. Dessa maneira, a memória possui dois componentes: a própria memória e o esquecimento, que caminham lado a lado (CHAGAS, 2002).

A partir desta seleção, encontramos Berque, na marca, descrita e inventariada, e matriz, entendida como a percepção. Isto tem como base e acaba refletindo-se como construção social dos sentidos e, assim, podemos pensar a paisagem como um recurso político, ao passo que ela produz tanto no visual – assim como busca a produção de visibilidade –, como nas narrativas criadas. É isto que buscaremos trabalhar a seguir.

## **METODOLOGIA**

Através de entrevistas via trabalho de campo e pesquisas bibliográficas, é possível perceber que a luta dos moradores da Vila Autódromo é uma luta pelo espaço, tanto material, na tentativa de salvar suas casas que ali estavam, quanto simbolicamente, à medida que se cria um espaço de resistência frente ao avanço neoliberal. Sua resistência contra a remoção levou à construção de um senso de identidade para o movimento, que fez com que conseguisse parcerias com outras organizações e comunidades.

De acordo com o plano museológico, o museu busca duas ideias principais: preservar a memória das pessoas removidas, assim como suas histórias, além de servir como instrumento de luta por todos que passem pela ameaça da remoção, entendendo que a memória é o maior instrumento nesta luta de resistência.

Dentre as estratégias utilizadas para a construção do Museu das Remoções, é possível destacar dois momentos principais. O primeiro deles se inicia entre abril e maio de 2016, quando estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhanguera, coordenados pela professora Diana Bogado, realizam esculturas a partir dos escombros. Nelas, cada peça representava um lugar significativo que passou pela remoção. Cada uma das sete instalações do museu homenageia uma casa ou prédio demolido, assim como a luta enfrentada pelos moradores.

Contudo, por serem usados restos de materiais e com pouca possibilidade de conservação a longo prazo, algumas estruturas acabaram não resistindo. Isso nos leva ao segundo momento do Museu das Remoções, no qual as ruínas são primordiais. Os espaços que ainda possuem registros das casas originais fazem parte do percurso de visitação do Museu das Remoções. Essa escolha se deu a partir de oficinas de memória, com moradores,



ex-moradores e apoiadores, com a composição de mapas afetivos da comunidade. São no total 21 pontos no percurso expositivo a céu aberto.

Na Vila Autódromo, a paisagem está presente desde antes da construção do museu. O discurso paisagístico é utilizado mesmo na remoção, quando tratam as casas que ali estavam enquanto ameaça à Lagoa de Jacarepaguá. Neste caso, recorre-se à tradição do meio ambiente na paisagem. Essa questão “ecológica” também está presente na própria construção e criação do conceito de museu que aqui usamos, que Scheiner (2012) denomina “museu integral”. Ele está fundamentado não só na musealização de um conjunto patrimonial de certo território, ou no trabalho comunitário, mas na possibilidade que está em qualquer museu de se relacionar com o espaço, o tempo e a memória e atuar junto a grupos sociais.

A construção de narrativas pode determinar o lugar de memória, com uma simbologia do local e identidade. A construção da memória e da identidade se dá por meio de objetos, instrumentos e instituições, necessitando uma realidade que una aspectos histórico-culturais e simbólico-intencionais, a fim de resistir à aceleração da história.

Chagas (2002, p. 69) destaca que “onde há memória há poder e onde há poder há exercício de construção de memória”. Dessa maneira, memória e poder atuam em uma construção dialética. Esse poder é refletido nos lugares de memória. Para o autor, nos ecomuseus, a memória tem uma função emancipadora. Marcar o território cria ícones de memória, o que pode auxiliar na resistência e afirmação de identidades locais.

A memória é um instrumento na luta contra o esquecimento. Segundo Ricoeur (2007), a lembrança está expressa, sobretudo, em imagens e lugares. A partir disso, surgem os lugares de memória, lugares pela preservação. As relações de sentidos passam sempre por uma seleção de significados que define a cultura de um grupo como um sistema simbólico (VIEIRA, 2013). A paisagem, enquanto produto cultural, também é resultado de seleção de elementos e de determinada leitura, que confere materialidade segundo uma intenção de grupos. Portanto, podemos considerar que o museu produz e se utiliza de paisagens, à medida que ele passa por escolhas na sua construção.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Para entender a paisagem como estratégia de memória, é necessário buscar um sentido na identidade do sujeito com a paisagem, estabelecida por práticas socioespaciais, que contém o valor simbólico dos locais.



Para Soares (2017), as múltiplas formas de museus musealizam as paisagens, de forma a criar discursos, imagens e experiências. A museologia, quando trata da paisagem, tende a abrigar abordagens voltadas à paisagem cultural. O que nos aproxima, no entanto, é o tratamento da paisagem como um objeto de museu, reconhecida como signo e representação, de onde partem discursos e práticas. Dessa forma, como um objeto que passa pela musealização, a paisagem requer uma intencionalidade na sua representação, na sua narrativa.

Neste sentido, é possível apontar o Museu das Remoções enquanto um importante marco na relação entre museus e paisagem e estratégia de resistência. O Museu das Remoções surge contexto de mudanças na cidade, sobretudo para a realização dos Jogos Olímpicos, quando a área da Barra da Tijuca é escolhida enquanto coração dos jogos e passa por intensas transformações em sua infraestrutura para o recebimento do evento. Com isso, grande parcela da Vila Autódromo é removida, com bastante violência e encontra no museu uma forma de resistência, do seu histórico de luta.

O Museu das Remoções é administrado por um coletivo de moradores da Vila Autódromo e colaboradores voluntários das mais variadas formações. Sob uma gestão horizontal e, para o desenvolvimento e a execução dos projetos, os moradores se organizam em grupos de trabalho permanentes ou temporários, visando participar da luta contra as remoções, preservando a conexão simbólica, a memória emocional e as práticas sociais de comunidades removidas. O Museu também tem como objetivo promover eventos no âmbito da resistência artística, utilizando a arte para difundir, propagar e levar à reflexão situações reais de opressão, através de debates, oficinas, teatro, exposições, projeções, saraus, feiras literárias, e qualquer outro tipo de manifestação artística.

Em 2015, a ideia do museu surge com Tainã de Medeiros e Diana Bogado, como ferramenta de luta contra remoções, a fim de guardar memórias de moradores e ex-moradores e mesmo da cidade, além de ajudar outras comunidades a ter voz na reivindicação por direito à moradia, terra e até mesmo a contar sua própria história.

Em um momento em que as narrativas são fundamentais para a paisagem, enquanto exercícios de cidadania, Ribeiro (2013, p. 242) nos questiona “Que paisagens selecionar? Quais aspectos da paisagem são relevantes? Para quem? Esses são alguns dos desafios que precisam ser discutidos.” Se a paisagem é um instrumento importante para políticas públicas há muitos anos, com o discurso de “embelezamento” da cidade, atualmente ela ganha ainda mais força, quando a própria paisagem é um atrativo econômico. No entanto, nos movimentos insurgentes ela também é presente, enquanto um contraponto. Para o autor, a paisagem está





inserida em um processo político, tendo em vista que a identificação e atribuição de valor à paisagem é feita por diferentes grupos.

Para Berque (1990), a paisagem se estabelece a partir da relação entre o físico objetivo e o olhar subjetivo. O geógrafo francês (1998) ainda aponta que há duas perspectivas fundamentais no entendimento da paisagem: ela é marca, enquanto representa materialidade e pode ser descrita, e é também matriz, ao passo que está inserida na percepção e concepção. Assim, a paisagem não é só o que se vê, mas deve-se considerar a integração do sujeito com o objeto (BERQUE, 1998).

Se aqui defendemos a ideia de que a paisagem é além do que se vê, como apontava Milton Santos (1988), mas como se vê, a paisagem como recurso é distribuída de maneira desigual. Isto porque há grupos com mais poder de alterar a agenda política. O museu atua, portanto, como uma construção de recurso, para conquistar mais visibilidade e espaço na leitura da paisagem.

Dessa forma, o Museu das Remoções atua enquanto ferramenta de luta para outras lutas, em especial, acerca dos territórios esquecidos pelo poder público. Ou melhor, dos grupos esquecidos pelo poder público, tendo em vista que há atenção para a transformação desses espaços na construção de outro discurso. Assim, a luta do Museu das Remoções está no direito de se apossar do território, de constar a história, porque, de qualquer forma, esta será contada, mas de diferentes formas, se considerarmos as vias oficiais, que invisibilizam ou criminalizam grupos que lutam por seus direitos.

Dentro desta perspectiva de demarcar seu território, e a partir da forma como se organiza, de baixo para cima, o Museu das Remoções pode ser categorizado enquanto um museu de território. Apesar do uso de um termo geográfico, este é um conceito da Museologia que diz respeito a um museu a céu aberto, criado pela própria comunidade na qual ele está inserido, para se fazer representado. Apesar do uso do termo território, em muitos casos, o que se nota é que há um uso da paisagem como uma estratégia, até mesmo pela veiculação de imagens.

Portanto, a ideia é conferir visibilidade à causa e mesmo veicular imagens que fazem parte de tal narrativa. Fotos são instrumentos importantes na construção desses museus. A Vila Autódromo se apoderou da cultura para dizer que é possível ficar na comunidade.

Na Vila Autódromo, nos deparamos, então, com um caso de um museu que trata daquelas casas e daquela vivência que não existe mais. Resta-nos, com isso, a imagem. No caso do Museu das Remoções, o recurso audiovisual, com a produção de filmes e documentários ganha espaço como potencializador da memória e identidade, no processo de



disseminação de informações. A imagem, neste caso, está presente não só na fotografia e nos filmes, mas também nas próprias pessoas, com a venda de camisas, por exemplo, tanto para recursos, mas também para visibilidade.

Tal movimento é uma busca de reivindicação pela cidadania, através de grupos insurgentes. Miraftab (2009) trata a produção do espaço das periferias na sua luta diária pela sobrevivência como “urbanismo insurgente”. Isso mobiliza os movimentos sociais, em conflito com os Grandes Projetos Urbanos. O Museu das Remoções, nesse caso, também atua como um movimento insurgente, à medida que é notória a disputa de significados presentes naquele espaço. O Museu das Remoções está presente, enquanto forma e significado, no questionamento das transformações da cidade. É a paisagem modificada que refuta a modificação da paisagem.

Podemos apontar que tais grupos fazem uso de um instrumento consolidado por grupos não-insurgente, como é o caso dos museus, que, em grande parte dos casos, trata uma narrativa dominante, para trazer à tona seus discursos e conquista por direitos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Encontramos, portanto, uma resistência racional, para a construção de uma memória coletiva: não do coletivo, mas a memória individual a partir de quadros compartilhados, por um discurso comum internalizado, por direitos, pelo território. O museu traz, portanto, a narrativa no presente, que não deixa a luta cair no esquecimento.

Retomando a Berque (1998), a marca está no visual, mas, o que encontramos neste visual é justamente aquilo que não vemos, as casas que outrora estiveram ali e hoje já não estão mais. Ou seja, o visual é não ter visual, ou, na realidade, este visual se configurar através das ruínas. Então, a própria narrativa, a matriz, é contada por ter uma marca não-marca. O que temos enquanto físico é propriamente a negação do físico, não o ter, ou tê-lo em ruínas, como pode ser visto na foto a seguir (Foto 1).





Foto 1 – Piso em ruínas – Museu das Remoções. Foto da autora (2019).

De acordo com Estevão (2013), é nos momentos de maior instabilidade que se busca de maneira mais incessante a identidade. Para tanto, a paisagem é colocada em evidência. A carga de imagem e imaginação da paisagem é capaz de trazer um discurso, imagem, olhar, como uma representação.

Neste sentido, é possível identificar uma narrativa de luta predominante. O próprio surgimento do museu se apresenta como instrumento de luta contra interesses da especulação imobiliária, a fim de conquistar mais visibilidade, tanto para a Vila Autódromo em si, como para o discurso de resistência, direito à moradia, que acaba se ampliando a outras comunidades.

Tal construção não se dá de forma não conflituosa. Villegas, Esteban e Nussbaumer (2016) apontam que a narrativa de paisagem está presente à medida que os elementos visuais são ordenados a fim de propor uma análise de relacionamentos e práticas materiais no processo de construção da cidade. O contraste entre a infraestrutura construída e a destruída, o Parque Olímpico e a Vila Autódromo, torna a tensão visível.

Atualmente, as redes sociais também são importantes nesta veiculação de imagens, como é o caso do Facebook e do Instagram, onde o Museu das Remoções tem forte presença, além do canal do YouTube. Tais imagens, como a Foto 2, são feitas para circular, com uma mensagem. Assim, é interessante perceber a intencionalidade da representação imagética. As redes se organizam para veicular a narrativa no material, nas imagens, que retornam a uma rede para conseguir mais visibilidade. A imagem a seguir remete justamente ao tempo em que



as construções se faziam presentes, ao longo do processo de remoção. Assim, podemos perceber a importância de associar ao físico, à marca, para trazer esta matriz.



Foto 2 - Fotografia com a inscrição “Memória não se remove”, lema do museu, no período das remoções. Foto: Luiz Claudio Silva, co-fundador do Museu das Remoções. Fonte: Facebook.

Desta forma, a paisagem é um meio de ação política, à medida que símbolos da paisagem urbana, especialmente a paisagem em transformação e/ou transformada, são alterados e (re)interpretados enquanto recursos políticos a serem utilizados pelos manifestantes, em nosso caso, grupos insurgentes, na reelaboração intencional do seu significado. Com isso, a paisagem é utilizada como um recurso político na manutenção ou recriação de narrativas. Com um olhar mais apurado à comunidade na qual estão inseridos, os museus de território se utilizam da criação de imagens para reivindicar visibilidade e discursos. Assim, podem apresentar suas marcas e alterar as matrizes, tendo em vista que a construção da paisagem e da memória atuam a partir da seleção de elementos.

Musealizar a paisagem não significa torná-la estática. Na verdade, chama-se a atenção para a transformação contínua daquilo que vemos e do que não vemos. Ou seja, a experiência é orientada a um olhar para a paisagem, com o sentimento de pertencimento e representação. A paisagem é intrínseca ao nosso cotidiano, de onde retiramos nossa identidade, como uma condição determinante do nosso estar no mundo.

A escolha da memória não se dá sem conflito. O que nos deparamos é com um quadro interpretativo para luta em toda a sociedade. Se, para Nobre (2009), memória e identidade não



se constroem a partir do zero, no caso do Museu das Remoções, os grupos insurgentes se utilizam da negação do físico, daquele pouco que restou, para veicular seus discursos. Assim, podemos compreender que a paisagem é uma forma, um instrumento para se construir memória

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, podemos compreender uma discussão teórica, com base nas referências de Augustin Berque (1998), que entende a paisagem como marca e matriz, aplicada a um exemplo empírico, o Museu das Remoções, localizado ao lado do Parque Olímpico, na cidade do Rio de Janeiro.

O Museu das Remoções, enquanto um museu de território, atua de forma a trazer a narrativa daqueles atores que sofreram diretamente o impacto das remoções, em um contexto de transformações da paisagem, para as Olimpíadas Rio 2016, com grandes projetos de intervenção urbana. Assim, enquanto uma estratégia de questionamento à desterritorialização, o museu busca colocar como central os mais afetados pelo processo, aqueles que tiveram suas casas removidas, de forma truculenta. Tais grupos, que denominamos aqui como grupos insurgentes, são os protagonistas na construção do museu.

As visitas ao Museu das Remoções ocorrem em forma de percurso, passando pelas ruínas das casas, identificadas por placas, e por instalações construídas, com o auxílio de acadêmicos de arquitetura da Universidade Anhanguera. Dessa forma, o Museu faz uso da paisagem-marca e da paisagem-matriz, à medida que se utiliza da materialidade para trazer a sua narrativa. Materialidade e narrativa caminham juntas, já que o discurso apresentado é embasado através daquilo que se vê – ou, na realidade, do que não se vê, considerando que as casas foram removidas e hoje restam ruínas. Além disso, as redes sociais são outro recurso importante na divulgação de imagens, daquilo que era, em comparação ao que podemos encontrar no local atualmente.

Esta é uma estratégia para atrair visibilidade para o debate acerca do direito à cidade. As paisagens acumulam camadas práticas com cada nova sobreposição e reinterpretação ao longo do tempo, o que amplia a gama de interpretações e possibilidades. A construção da memória se dá, portanto, a partir da paisagem. Apesar das transformações, as imagens veiculam e institucionalizam uma narrativa, à busca de um reconhecimento nessas imagens. É com o uso de uma estratégia consolidada por grupos dominantes que se constrói uma narrativa em conflito com grupos que estão no poder, como é o caso da Prefeitura. Neste



contexto, o Museu das Remoções possui também um papel político na seleção da paisagem e da memória a ser representada.

A paisagem, portanto, não é só a estética, mas está atrelada ao nosso existencial, a partir de necessidades afetivas e sociais. Com isso, devemos pensar quais possibilidades oferece a paisagem para o ser humano viver, para ser livre, para estabelecer relações sensatas com os outros homens e a própria paisagem. Ou seja, é fundamental pensar como o espaço foi organizado pela sociedade, a partir da leitura, como um espaço social, um projeto comum ou intencional. Dessa forma, é possível perceber a paisagem como sucessão de tempos e lugar de memória, com marcas dos grupos ali presentes.

## REFERÊNCIAS

BERQUE, A. **Médiance. De milieux en paysages**. Paris: Berlin, col. “Géographiques RECLUS”, 1990.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-91.

BOGADO, D. Museu das Remoções da Vila Autódromo: Resistência criativa à construção da cidade neoliberal. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 54, n. 10, 11 Jul. 2017.

CHAGAS, M. S. Memória E Poder: Dois Movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, 11, 2002, pp. 35-68.

ESTEVÃO, F. M. B. **Transformações de uma paisagem: sistema defensivo das linhas de torres e sua musealização**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Museologia, 2013, 313 p.

GONÇALVES, F. C. C. A paisagem como fenômeno e objeto de interesse público: com que direito? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 34, ago. 2015, p. 99-116. Acesso em: 15 de junho de 2017.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

MIRAFETAB, F. Insurgent Planning: Situating Radical Planning in the Global South. **Planning Theory**, v. 8, n. 1, p. 32-50, fev. 2009.

MUSEU DAS REMOÇÕES. **Plano Museológico (2017)**. Rio de Janeiro: Museu das Remoções/IBRAM, 2017.

NOBRE, A. S. Considerações finais; referências; lista de figuras. **Cadernos De Sociomuseologia**, 33 (33), 2009. Disponível em:





<<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/504>>. Acesso em 17 novembro 2019.

RIBEIRO, R. W. Paisagem cultural e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIBEIRO, R. W. Paisagem, patrimônio e democracia: novos desafios para políticas públicas. In: CASTRO, I. E.; RODRIGUES, J. N.; RIBEIRO, R. W. (org.). **Espaços da democracia: para a agenda da geografia política contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 235-260.

RIBEIRO, R. W. A política da paisagem em cidades brasileiras: instituições, mobilizações e representações a partir do Rio de Janeiro e Recife. In: FIDALGO, P. (Org.). **A paisagem como problema: conhecer para proteger, gerir e ordenar**. 1ed. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2018, v. 05, p. 155-170.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCHEINER, T. C. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SOARES, A. S. **Política da paisagem e favelas: Pensando a construção do teleférico e as novas representações do Complexo do Alemão para a Cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, programa de Pós-Graduação em Geografia, 2016, 173 f.

SOARES, B. B. Paisagens culturais e os patrimônios vividos: vislumbrando a descolonização, para uma musealização consciente. **Museologia e Patrimônio**, v. 10, n. 1, pp. 65-68, 2017.

VIEIRA, A. C. M. **Memória e paisagem: olha(res) sobre o patrimônio cultural turístico - Parque Nacional da Tijuca (RJ)**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, 242 f.

VILLEGAS, C.; ESTEBAN, K.; NUSSBAUMER, B. La ciudad esconde el proceso. La protesta popular en Vila Autódromo, Río de Janeiro. **Íconos. Revista de Ciencias Sociales**. Num. 56, Quito, septiembre 2016, pp. 159-176.